

# A história invisível do cotidiano

Durante as três últimas semanas, a série de reportagens O Brasil Real documentou a experiência de milhões de brasileiros que nunca chegam às manchetes dos jornais. Pessoas que, apesar das dificuldades geradas pela crise, adotaram a única solução para escapar do catastrofismo que emana das projeções dos economistas e dos gabinetes ministeriais: arregaçar as mangas e trabalhar.

Do português Silvestre Ferreira, que fugiu da estatização da Revolução dos Cravos e hoje colhe duas safras de uva tipo exportação em Maringá, ao nissei Takeshi Imai, que livrou-se da falência mudando radicalmente sua linha de produtos. Ou ainda dos jovens que trocaram o conforto da cidade para criar mais um pólo de prosperidade nos confins de Goiás, ao espírito empreendedor do empresário Olacyr de Moraes, todos reafirmaram, ao longo das 21 páginas da série do Jornal da Tarde, que os maus governos passam, mas o país, com seu potencial e leque de oportunidades, permanece como patrimônio de todos e só poderá atravessar as dificuldades do momento com trabalho e liberdade. Leia nesta página e na seguinte, o que dizem os deputados-economistas de maior respeito no Congresso, um ex-ministro da Fazenda, e seis presidenciais, além do ensaio do professor Gilberto de Mello Kujawski sobre o Brasil real — aquele que trabalha, e o Brasil oficial — que atrapalha.

Por Gilberto de Mello Kujawski

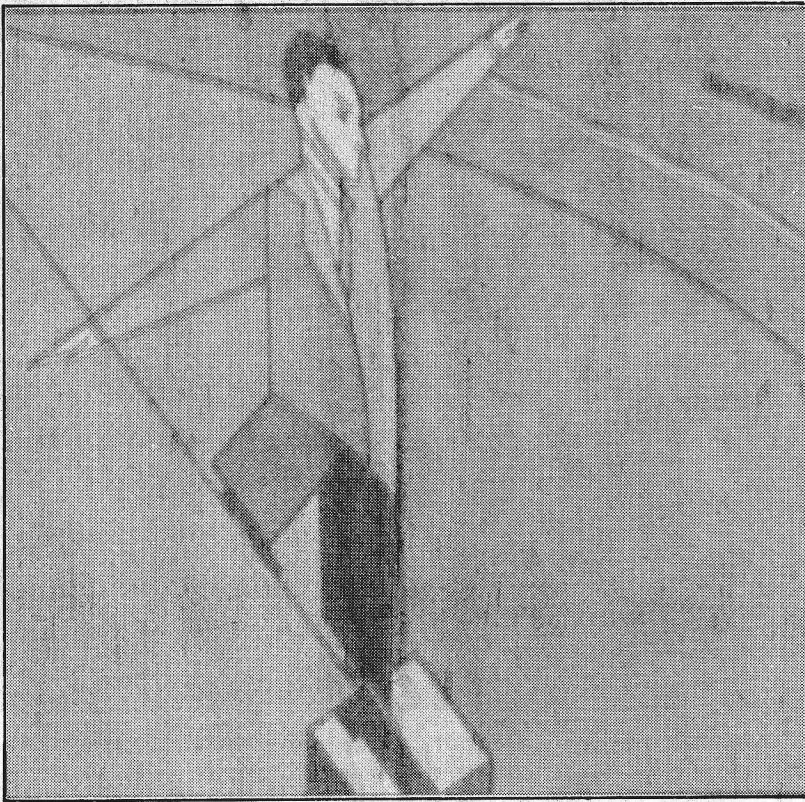
Em tempos de crise acentua-se na imprensa uma tendência irresistível: a notícia ruim expulsa implacavelmente a notícia boa. De sorte que o texto dos jornais, os noticiários das rádios e da TV, dia após dia, mês após mês, ano após ano, martelam na cabeça do leitor e do telespectador uma série interminável de desgraças: crimes revoltantes, acidentes de todo tipo, atentados terroristas, guerras, convulsões sociais, golpes de Estado, catástrofes ecológicas, desmandos do governo, distorções sociais, perfídias burocráticas, desordens econômicas, a escalada brutal da inflação semeiam na sociedade a permanente insegurança, a inquietação crônica que, associadas à impotência prática do homem comum, logo se traduzem em ansiedade crescente e agudo desespero. Não se trata de técnica para vender mais jornais. De certa forma, até se pode dizer que a “notícia” costuma ser sinônimo de “notícia ruim”. Porque aquilo que é notícia constitui sempre a ruptura da continuidade normal das coisas. A aterrissagem diária de milhares de aviões nos aeroportos do mundo inteiro não constitui notícia; mas a queda, ou o seqüestro de um avião, isso sim.

O fato é que ao longo do tempo o leitor habitual de jornais, o espectador de TV, se não caem em depressão, sentem-se saturados de ler e ver tanta coisa ruim, passando a ansiar pela abertura de uma fresta, por um raio de luz

que anuncie o fim próximo do longo túnel em que a imprensa os aprisionou. Boa parte dos leitores de jornal e dos telespectadores mergulha na apatia: as más notícias já não excitam ninguém como antes porque se tornaram o normal, o esperado. A partir de agora, notícia será justamente a ruptura dessa cadeia de mesmice catastrófica que nos sufoca no dia-a-dia, dessa onda de pessimismo em que estamos submersos. Notícia, agora, será o anúncio de que, em meio à múltipla poluição planetária, ainda existem na Terra oásis de ar puro, mananciais de água cristalina intocados pelos dejetos de esgoto e pelos resíduos industriais. Notícia será a descoberta de que, apesar do governo, o Brasil está trabalhando e produzindo euforicamente, está investindo rendosamente no futuro, está criando empregos em muitos locais, em muitas regiões de trabalho onde se desconhece a palavra “crise”.

Pois nessa reversão de expectativas, foi o **Jornal da Tarde** que saiu na frente. Desde o dia 4 de setembro o JT publicou uma série empolgante de reportagens confrontando o Brasil oficial com o Brasil real. O país convulsionado que comparece diariamente nas manchetes dos jornais e nos noticiários de TV, território dos sobressaltos, da inflação disparada, do déficit público irremediável, das estatais inchadas, e o outro País que só no primeiro semestre deste ano criou cerca de 225 mil empresas. Enquanto o País oficial está encalacrado numa dívida de US\$ 123 bilhões, o País real, também no primeiro semestre do ano, exportou cerca de US\$ 16,7 bilhões, com 7% de crescimento médio anual de consumo de energia elétrica, e com quase 3% de crescimento da produção industrial. “O Brasil real trabalha. O Brasil oficial atrapalha”, isto é, além de estar em crise, inventa dificuldades para o outro Brasil, com impostos abusivos e declarações inoportunas de moratória. O chamado Brasil real não deve ser confundido com o país da economia informal, ou só com este. Seus personagens são, sobretudo, o pequeno ou velho empresário, o criador de gado dos confins, o comerciante obscuro, o técnico ignorado que, de repente, por força de sua dedicação ao trabalho, de sua audácia e de sua fé no futuro da nação, foram assaltados pela febre do crescimento sem limites previsíveis.

Pois bem, a contraposição entre o Brasil oficial e o Brasil real corresponde, nada mais nada menos, à própria estrutura da realidade histórica. Há uma história oficial, não só visível como vistosa, a história espetáculo, constituída por série descontinua de erupções, os grandes feitos comandados pelos grandes homens: é o cenário das guerras, das revoluções, das lutas de classe, empreendidas pelos César, pelos Napoleões, pelos Lênin. E há uma história real, invisível, subterrânea, urdida na continuidade do dia-a-dia por grandes massas anônimas. Sem esta, a primeira não existiria. É a história real,



continua, humilde, cotidiana, anônima que alimenta e sustenta a história oficial, descontinua, espetacular, grandiosa, ganhando corpo na gesticulação teatral dos homens do destino. Durante mui-

to tempo, só se prestou atenção à história oficial, ignorando-se completamente a história real, até que um grupo de historiadores, sobretudo franceses, após a Segunda Guerra Mundial, começaram a desconfiar que o cotidiano também é história, embora de pulsação lenta e ciclo secular (Paul Veyne). Entretanto, foi o escritor basco-espanhol Miguel de Unamuno, o mocho de Salamanca, quem pela primeira vez, com antecipação de quarenta ou cinquenta anos, vislumbrou o fenômeno da história real e cunhou para ela o nome mais adequado: **intra-história**. Ficou clássico no pensamento espanhol esse trecho de prosa soberba extraído do ensaio **La tradición eterna** de Unamuno, um dos cinco ensaios do livro **En torno al casticismo**, palavras que ninguém pode ler até o fim sem a garganta embargada: “Os jornais nada mencionam da vida silenciosa dos milhões de homens sem história que a todas as horas do dia e em todos os países do globo se levantam a uma ordem do

sol e vão para os seus campos, prosseguindo no obscuro e silencioso labor cotidiano e eterno, esse labor que, como o das madrêporas suboceânicas, deita as bases sobre as quais se levantam as ilhotas da história. Sobre o silêncio augusto, dizia eu, apóia-se e vive o som; sobre a imensa humanidade silenciosa elevam-se os que fazem barulho na história. Essa vida intra-histórica, silenciosa e contínua como o fundo do mar, é a substância do progresso, a verdadeira tradição, a tradição eterna, não a tradição mentira que se costuma buscar no passado, enterrada em livros e papéis, monumentos e pedras.”

A intra-história é a dimensão do cotidiano comunal. Nela, segundo Unamuno, o homem convive com seu fundo mais pessoal, o que significa dizer que Unamuno aposta na primazia silenciosa da vida privada sobre a vida pública. Vida privada que tem sido, precisamente, a fonte da livre iniciativa mais vigorosa e fecunda na história do Ocidente. Gilberto de Mello Kujawski, 59 anos, é licenciado em Filosofia e autor de “A Crise de Século XX”.

## Compare os dois mundos

### Brasil real

- Criação de 493 mil novos postos de trabalho em São Paulo durante o primeiro semestre de 1989, com crescimento de 2,4% em relação a igual período do ano passado.

- Abertura de 313 mil novas empresas entre janeiro e agosto de 1989, segundo o Departamento Nacional de Registro do Comércio.

- Crescimento de 2,9% na produção industrial em todo o País.

- Crescimento de 3,1% na produção industrial de São Paulo, em julho de 1989, registrando terceiro índice positivo consecutivo do ano.

- Recorde na produção de automóveis, durante o mês de agosto, com 105.582 unidades — o melhor desempenho do setor desde novembro de 1985.

- Crescimento médio anual de 7% no consumo de energia elétrica.

### Brasil oficial

- Acúmulo de mais de um emprego entre os 5 mil funcionários públicos do Estado de São Paulo; 8 mil funcionários trabalham ao mesmo tempo na Prefeitura e no Estado.

- Sumiço de US\$ 100 milhões dos cofres do IAA-Instituto do Açúcar e do Alcool.

- Subsídios consomem 20% de tudo o que o País produz

- Estatais têm dívida de US\$ 89 bilhões

- Governo Federal emprega 8 milhões de pessoas na administração direta e indireta.

- Déficit de NCz\$ 15,9 bilhões no Tesouro, entre janeiro e agosto de 1989.

- Sonegação de impostos atinge 30% do arrecadado

- Dívida dos Estados — com exceção de Minas Gerais e Rio Grande do Sul — atinge NCz\$ 30 bilhões.